



**GRAMÁTICA do
PORTUGUÊS
BRASILEIRO
ESCRITO**

Francisco Eduardo Vieira
Carlos Alberto Faraco


parábola

POR UMA GRAMÁTICA LÚCIDA E REALISTA	13
Sérgio Rodrigues	

EM QUE SE FUNDAMENTA, PARA QUE SERVE E SOBRE O QUE VERSA ESTA GRAMÁTICA?	17
---------------------------------------------------------------------------------------	----

1. A gramática da escrita é diferente da gramática da fala	18
2. A gramática da escrita dos brasileiros é a gramática do português brasileiro.....	19
3. Os campos acadêmico e jornalístico são espaços representativos da norma-padrão brasileira contemporânea.....	20
4. Uma gramática da escrita formal é uma gramática do período.....	21
5. Uma gramática pode servir de base para o desenvolvimento da consciência sintática para a escrita formal	22
6. Uma gramática para a prática da escrita formal não precisa se ancorar numa única teoria linguística	22
7. A oração, objeto indispensável a uma gramática da escrita formal, é um arranjo de constituintes em hierarquia	23
8. O domínio da estrutura da oração e das relações sintáticas entre seus constituintes é requisito fundamental à prática de análise linguística.....	24
9. O texto nem sempre precisa ser o ponto de partida de uma análise gramatical	24
10. Análises gramaticais a partir do modelo de diagramas coloridos SVCA facilitam a ampliação da consciência sintática para a produção escrita.....	25

1 – A ESCRITA FORMAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	29
-------------------------------------------------------------------------	----

1.1 O Brasil plurilíngue.....	30
1.2 O português brasileiro falado.....	31
1.3 O português brasileiro escrito.....	32
1.4 A norma linguística apresentada nesta <i>Gramática</i>	34
1.5 Da fala para a escrita.....	36
1.6 Consciência sintática.....	39
1.7 Escolhas teórico-metodológicas.....	41
1.8 Por uma análise gramatical do período	42

2 – PERÍODOS, ORAÇÕES E CONSTITUINTES	51
----------------------------------------------------	----

2.1 Período simples, período complexo e locução verbal.....	52
2.2 Os verbos é que dão as cartas.....	54
2.3 A oração e seus constituintes.....	55
2.4 A oração é hierarquicamente estruturada.....	56
2.5 Complexificando a estrutura: oração como constituinte de oração	59
2.6 A gramática da oração descontextualizada	61

3 – O MODELO SVCA	69
3.1 A ordem SVC	70
3.2 Sujeito	71
3.3 Complemento verbal	76
3.4 Adjunto adverbial	80
3.5 Aposto e estrutura parentética	85
4 – TESTES DE DELIMITAÇÃO DE CONSTITUINTES	89
4.1 É fácil identificar os constituintes principais de um período?.....	90
4.2 Teste da substituição.....	91
4.3 Teste da pronominalização.....	92
4.4 Teste da interrogação.....	93
4.5 Teste do deslocamento	95
4.6 Teste do apagamento	97
4.7 Teste da interpolação	99
4.8 Teste da resposta	100
4.9 Teste da anáfora.....	101
4.10 Teste da clivagem.....	103
4.11 Teste da coordenação.....	104
5 – ORAÇÕES COORDENADAS	107
5.1 O que é coordenar orações?	108
5.2 Orações coordenadas por “e”, “ou”, “nem”.....	109
5.3 Orações coordenadas por “mas”	114
5.4 Orações coordenadas por outros conectivos de oposição	117
5.5 Orações coordenadas por conectivos de explicação.....	120
5.6 Orações coordenadas por conectivos de conclusão	122
5.7 Estruturas justapostas (coordenação sem conectivos).....	126
6 – PARALELISMO SINTÁTICO	129
6.1 Simetrias estruturais.....	130
6.2 Estruturas correlatas.....	131
6.3 Constituinte matriz.....	134
7 – ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBJETIVAS	143
7.1 A eficiência analítica do modelo SVCA	144
7.2 Sujeito em forma de oração	146
7.3 Estrutura interna das orações subjetivas.....	149
7.4 Modos verbais nas orações subjetivas	150

7.5 Orações subjetivas reduzidas de infinitivo	154
7.6 Orações subjetivas introduzidas por infinitivo sem sujeito	156
7.7 Orações subjetivas introduzidas por elemento interrogativo	158
7.8 Voz ativa e voz passiva	161
7.9 Orações subjetivas em construções passivas.....	164
8 – ORAÇÕES SUBORDINADAS COMPLETIVAS	171
8.1 Complemento verbal em forma de oração	172
8.2 Modos verbais nas orações completivas	177
8.3 Orações completivas preposicionadas.....	179
8.4 Orações completivas reduzidas de infinitivo (e de gerúndio).....	182
8.5 Orações completivas introduzidas por infinitivo sem sujeito.....	186
8.6 Orações completivas introduzidas por elemento interrogativo	187
8.7 Orações completivas na voz passiva	189
8.8 Orações completivas nominais.....	191
9 – ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS.....	195
9.1 Adjunto adverbial em forma de oração	196
9.2 Conectivos de orações adverbiais	200
9.3 Orações adverbiais reduzidas.....	204
10 – REGÊNCIA VERBAL.....	211
10.1 O que é regência?	212
10.2 Por que dar atenção à regência verbal?	215
10.3 Guia normativo de regência verbal.....	218
11 – REGÊNCIA NOMINAL	245
11.1 O que é regência nominal?	246
11.2 Guia normativo de regência nominal	247
12 – CRASE.....	255
12.1 Entendendo a crase	256
12.2 Memorizar inúmeras regras de crase é de fato necessário?.....	258
12.3 Usar ou não o acento grave: últimas considerações	262
13 – ORAÇÕES SUBORDINADAS RELATIVAS	265
13.1 O que é subordinação de orações relativas?	266
13.2 Orações subordinadas relativas restritivas	270
13.3 Orações subordinadas relativas explicativas	272

13.4	Pronomes relativos “o qual”, “os quais”, “a qual”, “as quais”	276
13.5	Orações relativas reduzidas.....	278
13.6	Orações relativas preposicionadas	279
13.7	Pronomes relativos “cujo”, “cujos”, “cuja”, “cujas”	282
13.8	Pronomes relativos “onde” e “aonde”	285
13.9	Outros pronomes relativos: “quem” e “quando”	287
13.10	Função sintática dos pronomes relativos	289
14	- CONCORDÂNCIA VERBAL	293
14.1	O que é concordância?	294
14.2	Regra geral de concordância verbal	296
14.3	Guia normativo de concordância verbal	297
15	- PRONOMES OBLÍQUOS E TRANSITIVIDADE	311
15.1	Introduzindo a questão normativa	312
15.2	Pronomes oblíquos átonos “o”, “os”, “a”, “as”	313
15.3	Formas especiais: “lo”, “los”, “la”, “las”	316
15.4	Formas especiais: “no”, “nos”, “na”, “nas”	318
15.5	Pronomes oblíquos átonos “lhe”, “lhes”	319
15.6	Pronomes oblíquos átonos “me”, “nos”	322
15.7	Pronomes oblíquos átonos “te”, “vos”, “se”	326
15.8	Pronome-sujeito ou pronome-complemento?	330
16	- COLOCAÇÃO PRONOMINAL.....	333
16.1	Definindo o fenômeno gramatical	334
16.2	Contextualizando o problema normativo.....	335
16.3	Apresentando soluções pedagógicas	337
16.4	Próclise como regra geral	338
16.5	Ênclise e mesóclise em casos específicos	342
16.6	Guia normativo de colocação pronominal	348
REFERÊNCIAS.....		351
NOMENCLATURA UTILIZADA NESTA GRAMÁTICA.....		355



O Brasil espera há duzentos anos por este livro. Em meio a tudo o que faltou e ainda falta para consumir a independência plena do país, inaugurada no plano político formal em 1822 pelo “grito do Ipiranga”, a consciência de nossos direitos linguísticos é talvez a falha mais importante no campo cultural, além de ser uma das mais evidentes no dia a dia da população.

Em salas de aula, bancas formuladoras de vestibulares e concursos públicos, departamentos de revisão editorial e consultórios gramaticais da imprensa tradicional e da internet, continua a se perpetuar minuto a minuto, pronome por pronome, regência por regência, o espectro de uma língua portuguesa carrancuda, hostil, mesquinha.

Essa língua é cheia de pegadinhas e pontos de decoreba, regras arbitrárias e visão estreita. “A mais difícil do mundo”, como muitos acreditam. A verdade é que ela passa muito longe disso, mas, sendo eternamente estrangeira — o oposto de materna —, está sempre à espera de nossos tropeços inevitáveis, falantes de segunda linha que supostamente somos.

Idealizada e irreal, com suas suíças e sua casaca, a língua de nossos manuais escolares já era conservadora no século XIX e hoje só pode ser entendida como piada. Uma piada sinistra e nada engraçada, como tantos fantasmas do atraso nacional que vagam por aí. E bota atraso nisso. O escritor Mário de Andrade já denunciava há cerca de um século essa “língua oficial emprestada e que não representa nem a psicologia, nem as tendências, nem a índole, nem as necessidades, nem os ideais do simulacro de povo que se chama o povo brasileiro”.

Não, claro que a gramática de Vieira e Faraco não é a primeira a se debruçar sobre a língua majoritária que se fala e se escreve no Brasil da vida real, isto é, a língua brasileira — ou portuguesa brasileira, conforme a preferência do freguês, embora o nome não importe tanto. O que se encontra nestas páginas é uma espécie de súpula, síntese do saber acumulado ao longo de décadas em estudos sistemáticos, no campo da linguística, da sociolinguística e da gramática normativa séria, sobre um idioma estruturalmente diferente do português europeu.

Trata-se de organizar algo que tais estudos, ora mais interessados em descrever do que em prescrever, ora mais dedicados ao detalhe do que ao todo, costumam deixar de lado: a fixação das linhas gerais de uma norma-padrão condizente com a língua que os brasileiros de alta escolaridade praticam em textos formais, monitorados, sobretudo na imprensa e na academia.

Eis o que, paradoxalmente, torna esta gramática revolucionária: o fato de apresentar, numa linguagem serena que se poderia chamar de conservadora, voltada para o ensino, uma normatividade lúcida e realista. Seus quatro guias normativos

— de regência verbal, regência nominal, concordância verbal e colocação pronominal — são tão preciosos quanto sua ênfase minuciosa na consciência sintática como condição indispensável à boa escrita.

Me fazer jornalista e escritor no Brasil, percebo agora, acabou dando muito mais trabalho do que precisava ter dado. É dureza aprender um milhão de regras e depois ser obrigado a decidir por conta própria quais prestam e quais não passam de entulho colonial e implicância de erudito especializado em catar pelo em ovo. Não é à toa que anda tão precário o nível médio da produção textual em nossas universidades e imprensa: temos duzentos anos de atraso para tirar.

Mãos à obra!

